

PRÓLOGO

A tormenta castigava-o e ele sentia-a bem no fundo de si, ciente de que se não chegassem a terra dentro de três dias estariam todos mortos. *Demasiadas mortes nesta viagem*, pensou ele, *sou o piloto-mor de uma frota morta. De cinco, sobra um navio — vinte e oito homens de uma tripulação de cento e sete, e agora apenas dez estão capazes de andar e o resto encontra-se perto da morte, e nosso capitão-general é um deles. Sem comida, praticamente sem água, e a que há é fétida e salobra.*

O seu nome era John Blackthorne e estava sozinho na coberta, com a exceção do vigia no gurupés — Salamon, o mudo — que se aninhava a sota-vento, perscrutando o mar à vante.

O navio adernou com uma rajada súbita e Blackthorne agarrou-se ao braço da cadeira que havia sido amarrada perto do leme no tombadilho, até que a embarcação lá se endireitou, ouvindo-se os protestos do madeiramento. Era o *Erasmus*, com as suas duzentas e sessenta toneladas — um vaso de guerra mercante de três mastros vindo de Roterdão, armado com vinte bocas de fogo e o único sobrevivente da primeira força expedicionária enviada da Holanda para devastar o inimigo no Novo Mundo. Tinham sido os primeiros navios holandeses a desvendar os segredos do Estreito de Magalhães. Quatrocentos e noventa e seis homens, todos eles voluntários. Todos holandeses, com a exceção de três ingleses — dois deles pilotos e um oficial. As suas ordens: saquear as possessões espanholas e portuguesas no Novo Mundo e incendiá-las; abrir entrepostos comerciais permanentes; descobrir novas ilhas no Oceano Pacífico que pudessem servir como bases permanentes e reivindicar o território para a Holanda; e, passados três anos, voltar para casa.

A Holanda protestante estivera em guerra com a Espanha católica durante mais de quatro décadas, lutando para se livrar do jugo dos seus odiados senhores espanhóis. Por vezes referida como Países Baixos, ainda fazia legalmente parte do Império Espanhol. A Inglaterra, sua única aliada, o primeiro país da Cristandade a romper com a Corte Papal em Roma e a

tornar-se protestante cerca de setenta anos antes, também tinha estado em guerra com Espanha durante os últimos vinte anos, e aliara-se abertamente aos Holandeses há uma década.

O vento tornou-se ainda mais forte e o navio sofreu nova guinada. Navegava com todas as velas arriadas menos as gáveas. Mesmo assim, a maré e a tempestade impeliam-no fortemente rumo ao horizonte cada vez mais sombrio.

Esperam-nos mais tempestades adiante, disse Blackthorne a si mesmo, *e mais recifes e mais baixios. E mar desconhecido. Ainda bem. Toda a minha vida lutei contra o mar e sempre venci. E sempre o hei de vencer.*

O primeiro piloto inglês a passar o Estreito de Magalhães. Sim, o primeiro — e o primeiro piloto a navegar nestas águas asiáticas, à exceção de uns quantos bastardos portugueses ou espanhóis sem mãe que ainda se acham os donos do mundo. O primeiro inglês nestes mares...

Tantas primeiras vezes. Sim. E tantas mortes haviam sido necessárias para as poder reivindicar.

Sentiu mais uma vez o sabor e o cheiro do vento, mas nem sinal de terra. Examinou o oceano, mas continuava cinzento e irado. Nem uma mancha de algas ou um toque de cor que pudesse sugerir a presença de um banco de areia. Viu a estibordo o pináculo de mais outro recife, mas aquilo não lhe dizia nada. Há já um mês que se viam ameaçados por aqueles afloramentos, mas nunca se avistava terra. *Este oceano não tem fim*, pensou. *Ainda bem. Foi para isso que te treinaste: navegar o mar desconhecido, mapeá-lo e voltar para casa. Quantos dias longe de casa? Um ano, onze meses e dois dias. A última vez em terra tinha sido no Chile, fazia já cento e trinta e três dias, no outro lado do oceano, que Magalhães cruzara pela primeira vez oitenta anos antes, chamado Pacífico.*

Blackthorne estava faminto, a boca e o corpo doridos por conta do escorbuto. Forçou os olhos a verificar a bússola e o cérebro a calcular uma posição aproximada. Assim que esta fosse registada no roteiro — o seu manual marítimo —, ele estaria em segurança naquele pedaço de oceano. E se ele estivesse em segurança, o seu navio também estaria e, então, juntos poderiam encontrar os Japões, ou até aquele rei cristão, o Prestes João, mais o seu Império Dourado, que a lenda dizia ficar a norte do Catai, onde quer que isso fosse.

E com a minha parte das riquezas hei de partir de novo, rumo a oeste, a casa, o primeiro piloto inglês a circum-navegar o globo, e nunca mais voltarei a partir. Nunca. Juro pelo meu filho!

A força do vento impedia-lhe a mente de divagar e mantinha-o desperto. Dormir agora seria uma tolice. *Nunca havias de acordar desse sono*, pensou ele

enquanto esticava os braços para aliviar as câibras nos músculos das costas e apertava mais a capa em volta do corpo. Viu que as velas estavam bem amarradas e a roda do leme segura. O vigia da proa estava acordado. Como tal, recostou-se pacientemente e rezou para que encontrassem terra.

— Vai pra baixo, piloto. Eu fico com este quarto, se quiseres. — O terceiro imediato, Hendrik Specz, subia agora das entranhas do navio, o rosto cinzento de fadiga, os olhos encovados, a pele pálida e manchada. Apoiou-se pesadamente na bitácula para se equilibrar, enquanto fazia por não vomitar.

— Bendito Senhor Jesus Cristo, maldito o dia em que deixei a Holanda.

— Onde é que anda o imediato, Hendrik?

— No beliche dele. Não é capaz de sair daquele beliche *scheit voll*. E nem há de sair... não neste lado do Dia do Juízo Final.

— E o capitão-general?

— Geme por comida e água. — Hendrik cuspiu. — Eu disse-lhe que lhe vou assar um capão e levar-lho numa bandeja de prata com uma garrafa de conhaque a acompanhar. *Scheit-huis! Coot!*

— Tonto na língua!

— Está bem, piloto. Mas ele não passa dum idiota roído pelos vermes e inda havemos de acabar todos mortos por causa dele. — O rapaz teve novos engulhos e cuspiu um catarro manchado. — Bendito Senhor Jesus Cristo, valei-me!

— Vai pra baixo. Volta ao amanhecer.

Hendrik deixou-se cair penosamente na outra cadeira.

— Até sinto o cheiro da morte lá em baixo. Eu fico com o quarto, se quiseres. Qual é a rota?

— Aonde quer que o vento nos leve.

— Onde está esse desembarque que nos prometeste? Onde estão os Japões... onde estão, diz-me?

— À vante.

— Sempre à vante! *Gottimhimmel*, não fazia parte das nossas ordens navegar rumo ao desconhecido. Já devíamos estar de volta a casa, em segurança, com a barriga cheia, sem andar a correr atrás de fogos-fátuos.

— Vai pra baixo ou trata de ter tento na língua.

Taciturno, Hendrik desviou o olhar daquele homem alto e barbudo. *Onde estamos agora?* queria ele perguntar-lhe. *Porque não posso ver aquele roteiro secreto?* Mas sabia que não se fazem estas perguntas a um piloto, especialmente àquele. *Mesmo assim*, pensou, *só queria estar tão forte e saudável como quando deixei*

a Holanda. Assim, não havia de esperar. Esborrachava-te esses olhos azul-acinzentados agora mesmo, tirava-te esse meio sorriso irritante da cara e mandava-te para o inferno que bem mereces. Então, havia de ser eu o capitão-piloto e teríamos um holandês à frente do navio — e não um estrangeiro — e os segredos estariam seguros. Porque em breve havemos de estar em guerra com vocês, ingleses. Queremos a mesma coisa: comandar o mar, controlar todas as rotas comerciais, dominar o Novo Mundo e estrangular a Espanha.

— Talvez não exista nenhum Japão — murmurou Hendrik de repente. — Não passa duma lenda *Gottbewonden*.

— Existe, sim. Entre as latitudes 30 e 40 graus Norte. Agora, calas essa boca ou vais pra baixo.

— Há morte lá em baixo, piloto — murmurou Hendrik, e olhou para a frente, deixando-se levar pelos seus pensamentos.

Blackthorne mudou de posição na sua cadeira; o corpo dóia-lhe ainda mais hoje. *Téns mais sorte do que a maioria, pensou, mais sorte do que este Hendrik. Não, não se trata de ter mais sorte. Tiveste mais cuidado. Soubeste conservar a tua fruta enquanto os outros comiam a deles sem qualquer cuidado. Sem te dar ouvidos. Como tal, agora o teu escorbuto ainda é ligeiro, ao passo que os outros estão sempre a sangrar, com uma diarreia das entranhas, olhos doridos e ramelosos e dentes perdidos ou quase a cair-lhes da boca. Porque é que os homens nunca aprendem?*

Ele sabia que todos o receavam, até mesmo o capitão-general, e que a maioria o odiava. Mas isso era normal, porque era o piloto quem mandava no mar; era ele quem traçava o rumo e comandava o navio, quem os levava de porto em porto.

Qualquer viagem naqueles tempos era perigosa porque as poucas cartas de marear que existiam eram tão vagas que se tornavam inúteis. E não havia absolutamente nenhuma maneira de resolver a questão da longitude.

— Descobre como determinar a longitude e serás o homem mais rico do mundo — dissera-lhe o seu antigo mestre, Alban Caradoc. — A Rainha, Deus a abençoe, há de te dar dez mil libras e o título de duque pela resposta a este enigma. Os portugueses comedores de bosta ainda te darão mais: um galeão cheio de ouro. E aqueles espanhóis sem mãe hão de te dar vinte! Longe de terra, estás sempre perdido, rapaz. — Caradoc fizera uma pausa e abanara tristemente a cabeça, como sempre. — Estás perdido, rapaz. A menos que...

— A menos que tenha um roteiro! — exclamara Blackthorne, contente, com a consciência de que havia aprendido bem as suas lições. Tinha então treze anos e já fazia um ano que era aprendiz de Alban Caradoc, o piloto e

construtor naval que se tornara o pai que ele havia perdido, que nunca lhe batera, antes lhe ensinando a ele e aos outros rapazes os segredos da construção naval e os modos mais íntimos do mar.

Um roteiro era um livrinho que continha as observações pormenorizadas de um piloto *que já havia estado lá antes*. Registava os cursos da bússola magnética entre portos e cabos, promontórios e canais. Anotava as sondagens, a profundidade e a cor da água e a natureza do fundo do mar. Descrevia *como chegámos lá e como voltámos*: quantos dias numa direção específica, o padrão do vento, quando soprava e de onde, que correntes esperar e vindas de onde; o tempo das tempestades e o tempo dos bons ventos; onde querenar e onde ir a terra buscar água; onde havia amigos e onde havia inimigos; baixios, recifes, marés, refúgios; na melhor das hipóteses, *tudo o* que era necessário para uma viagem segura.

Os Ingleses, Holandeses e Franceses tinham roteiros das suas próprias águas, mas as águas do resto do mundo eram navegadas apenas por capitães de Portugal e Espanha, e estes dois países consideravam todos os roteiros secretos. Os roteiros que revelavam as rotas marítimas para o Novo Mundo ou desvendavam os mistérios do Estreito de Magalhães e do Cabo da Boa Esperança — ambos descobrimentos portugueses —, e de lá as rotas marítimas para a Ásia, eram guardados como tesouros nacionais pelos Portugueses e Espanhóis, e procurados com igual ferocidade pelos seus inimigos holandeses e ingleses.

Mas um roteiro apenas era tão bom quanto o piloto que o redigia, o escriba que o copiava à mão, o raríssimo impressor que o imprimia ou o erudito que o traduzia. Como tal, um roteiro podia conter erros. Intencionais, até. Um piloto nunca tinha a certeza *até que ele próprio tivesse estado lá*. Pelo menos uma vez.

No mar, o piloto era o líder, o único guia e o árbitro final do navio e da sua tripulação. Sozinho, comandava do tombadilho.

É como um vinho inebriante, disse Blackthorne a si mesmo. *E uma vez provado, nunca tem como ser esquecido, sendo sempre procurado e sempre necessário. É uma das coisas que te mantêm vivo enquanto os outros morrem.*

Levantou-se e foi aliviar-se nos embornais. Mais tarde, a areia esgotou-se na ampulheta perto da bitácula, ao que ele a virou e fez soar a sineta do navio.

— Estás capaz de ficar acordado, Hendrik?

— Sim. Sim, penso que sim.

— Vou mandar alguém substituir o vigia da proa. Vê se ele fica no vento e não a sotavento. Sempre o há de manter alerta e acordado.

Por um momento, pensou se devia virar o navio contra o vento e parar durante a noite, mas decidiu não o fazer, desceu a escada e abriu a porta que dava acesso ao castelo da proa. A escada levava aos alojamentos da tripulação. Estes ocupavam toda a largura do navio e tinham beliches e redes para cento e vinte homens. O calor envolveu-o e ele sentiu-se grato por isso, fazendo por ignorar o sempre presente fedor que vinha dos porões abaixo. Nenhum dos vinte e poucos homens saiu do seu beliche.

— Sobe, Maetsukker — disse ele em holandês, a língua franca dos Países Baixos, que ele falava perfeitamente, juntamente com o português, o espanhol e o latim.

— Estou às portas da morte — disse o homenzinho carcomido, encolhendo-se ainda mais no beliche. — Estou doente. Olha, o escorbuto levou-me os dentes todos. Nosso Senhor, valei-nos, vamos todos morrer! Não fosse por ti, já estávamos todos em casa, em segurança! Eu sou mercador. Não sou nenhum marinheiro. Não faço parte da tripulação... Leva outro. Ali o Johann... — Gritou quando Blackthorne o puxou para fora do beliche e o atirou contra a porta. Surgiu-lhe sangue na boca e o homem ficou atordoado. Um pontapé brutal no lado do corpo arrancou-o daquele torpor.

— Trata mas é de ir lá pra cima e ficas lá até que morras ou que cheguemos a terra.

O homem abriu a porta e fugiu em agonia.

Blackthorne olhou para os restantes, que lhe retribuíram o olhar.

— Como é que te sentes, Johann?

— Bom o suficiente, piloto. Talvez me safe.

Johann Vinck tinha quarenta e três anos, era o artilheiro-chefe e imediato do contramestre, o homem mais velho a bordo. Sem cabelo nem dentes, tinha a cor de um carvalho envelhecido e as forças do mesmo. Seis anos atrás, navegara com Blackthorne na malfadada busca da Passagem do Nordeste, e ambos os homens conheciam o valor um do outro.

— Com a tua idade, a maioria dos homens já morreu, pelo que já vais à frente de todos nós. — Blackthorne tinha trinta e seis anos.

Vinck sorriu tristemente.

— É do conhaque, piloto, disso e da fornicação e da vida santa que levei. Ninguém se riu. Então, alguém apontou para um beliche.

— Piloto, o contramestre está morto.

— Então, levem o corpo pra cima! Lavem-no e fechem-lhe os olhos! Tu, tu e tu!

Desta feita, os homens saíram rapidamente dos beliches e, juntos, meio arrastaram e meio carregaram o cadáver para fora da cabina.

— Ficas com o quarto d'alva, Vinck. E Ginsel, ficas de vigia na proa.

— Sim, senhor.

Blackthorne voltou para a coberta.

Viu que Hendrik continuava acordado, que o navio estava em ordem. O vigia que agora deixava o seu posto, Salamon, passou por ele aos tropeções, mais morto do que vivo, com os olhos inchados e vermelhos por conta do vento. Blackthorne dirigiu-se à outra porta e desceu. A passagem levava à grande cabina da popa, que era o paiol e também o alojamento do capitão-general. A cabina dele situava-se a estibordo e a outra, a bombordo, geralmente era destinada aos três imediatos. Agora, Baccus van Nekk, o mercador, Hendrik, o terceiro imediato, e o rapaz, Croocq, partilhavam-na. Estavam todos muito doentes.

Entrou na grande cabina. O capitão-general Paulus Spillbergen estava deitado, semiconsciente, no seu beliche. Era um homem baixo e corado, normalmente muito gordo, agora muito magro, a pele da pança pendendo-lhe frouxamente numa série de pregas. Blackthorne tirou um jarro com água de uma gaveta secreta e ajudou-o a beber um pouco.

— Obrigado — disse debilmente Spillbergen. — Onde está a terra... onde está essa terra?

— À vante — respondeu ele, embora já não acreditasse; depois guardou o jarro, fechou os ouvidos àqueles gemidos e saiu, odiando aquele homem com novas forças.

Havia quase exatamente um ano que tinham chegado à Terra do Fogo, com ventos favoráveis para procurar o desconhecido Estreito de Magalhães. Mas o capitão-general ordenara um desembarque em busca de ouro e tesouros.

— Cristo Jesus, olhe para terra, capitão-general! Não há tesouro nenhum naqueles ermos.

— Diz a lenda que é uma terra rica em ouro e podemos reclamá-la para a gloriosa Holanda.

— Os Espanhóis estão aqui em força faz cinquenta anos.

— Talvez... mas talvez não tanto a sul, piloto-mor.

— No extremo sul as estações estão invertidas. Maio, junho, julho e agosto são inverno absoluto por estas bandas. O roteiro diz que o tempo é de importância crítica para atravessarmos o Estreito. Os ventos hão de mudar dentro de algumas semanas, e então teremos de ficar aqui e invernar durante meses.

— Quantas semanas, piloto?

— O roteiro diz oito. Mas as estações não permanecem as mesmas...

— Então, exploramos durante algumas semanas. Dá-nos bastante tempo e então, se necessário, voltamos para norte e saqueamos mais algumas cidades; que tal, meus senhores?

— Temos de tentar agora, capitão-general. Os Espanhóis têm muito poucos navios de guerra no Pacífico. Aqui, os mares estão pejados deles e andam à nossa procura. Eu digo que temos de continuar agora.

Mas o capitão-general ignorara a sua opinião e submetera a questão à votação dos outros capitães — não dos outros pilotos, um inglês e três holandeses — e liderara as inúteis incursões em terra.

Os ventos tinham mudado no início daquele ano e eles viram-se forçados a invernar ali, o capitão-general receando subir para norte por conta das frotas espanholas. Passaram-se quatro meses antes que pudessem navegar. Por essa altura, cento e cinquenta e seis homens já tinham morrido de fome, frio e gripe, e já começavam a comer a pele de bezerro que cobria o cordame. As terríveis tempestades no Estreito tinham dispersado a frota. O *Erasmus* era o único navio que tinha chegado ao ponto de encontro, ao largo do Chile. Lá, tinham esperado um mês pelos outros e então, com os Espanhóis a aproximar-se, haviam partido rumo ao desconhecido. O roteiro secreto acabava no Chile.

Blackthorne voltou pelo corredor e destrancou a porta da sua cabina, voltando a trancá-la atrás de si. Era um espaço baixo, pequeno e bem arrumado, e ele teve de se curvar enquanto o atravessava para se sentar à escrivaninha. Destrancou uma gaveta e desembulhou cuidadosamente a última das maçãs que havia guardado com tanto cuidado desde que tinham deixado a Ilha de Santa Maria, perto do Chile. A peça de fruta estava tocada e era minúscula, e a parte podre apresentava-se coberta de mofo. Ele cortou um quarto. Havia algumas larvas no interior. Tratou de as comer juntamente com a polpa, dando ouvidos à velha lenda marítima segundo a qual as larvas da maçã eram tão eficazes contra o escorbuto quanto a própria fruta e que, esfregadas nas gengivas, ajudavam a evitar que os dentes caíssem. Mastigou a fruta delicadamente porque os dentes lhe doíam e as gengivas estavam sensíveis, depois bebeu um gole de água do odre. Tinha um sabor salobro. Depois, embrulhou o que restava da maçã e trancou-a.

Uma ratazana correu nas sombras projetadas pela lanterna pendurada acima da sua cabeça. O madeiramento rangeu agradavelmente. As baratas enxameavam no chão.

Estou cansado. Estou tão cansado.

Olhou para o seu beliche. Longo, estreito, o fino colchão de palha convidativo.
Estou tão cansado.

Dorme esta hora, disse a metade demoníaca dele. Nem que seja uns dez minutos... e ficas descansado por uma semana. Há já dias que só dormes algumas horas, e a maior parte delas lá em cima ao frio. Tens de dormir. Dorme. Eles contam contigo...

— Não durmo; durmo amanhã — disse em voz alta, e forçou a mão a destrancar a arqueta e retirar o seu roteiro. Viu que o outro, o português, estava seguro e intacto e isso agradou-lhe. Pegou numa pena limpa e começou a escrever: «21 de abril de 1600. Hora quinta. Crepúsculo. 133 dias desde a Ilha de Santa Maria, Chile, na linha de latitude dos 32 graus Norte. O mar continua agitado e o vento forte e o navio aparelhado como antes. A cor do mar é de um verde-acinzentado opaco e parece não ter fundo. Continuamos a singrar com o vento nos 270 graus, numa deriva de Nor-noroeste, abrindo caminho rapidamente, cerca de duas léguas, o que fez umas três milhas nesta última hora. Grandes recifes com a forma de um triângulo foram avistados à meia hora na direção Nor-nordeste, a meia légua de distância.

» Morreram três homens durante a noite, do escorbuto: o mestre-velheiro Joris, o artilheiro Reiss, o segundo-imediato de Haan. Depois de encomendar as suas almas a Deus, estando o capitão-general ainda doente, lancei-os ao mar sem mortalhas, pois que não havia quem as fizesse. Hoje, morreu o contramestre Rijckloff.

» Não tive como medir a declinação do Sol ao meio-dia de hoje, novamente por conta do tempo nublado. Mas estimo que ainda estamos no caminho certo e que a chegada aos Japões estará para breve...»

— Mas quando? — perguntou ele à lanterna que pendia acima da sua cabeça, baloiçando com a oscilação do navio. *Como traçar uma carta? Tem de haver uma maneira*, disse a si mesmo pela milionésima vez. *Como definir a longitude? Tem de haver uma maneira. Como mantemos os vegetais frescos? O que é o escorbuto...?*

— Dizem que é um fluxo vindo do mar, rapaz — dissera-lhe Alban Caradoc. Era um homem barrigudo e de grande coração, com uma barba grisalha e emaranhada.

— Mas será que não podíamos ferver os vegetais e ficar com o caldo?

— Deixa-nos doentes, rapaz. Nunca ninguém descobriu uma maneira de o guardar.

— Dizem que Francis Drake vai partir em breve.

— Não. Não podes ir, rapaz.

— Estou quase com catorze anos. Deixou que o Tim e o Watt se engajassem com ele, e ele precisa de pilotos aprendizes.

— Eles têm dezasseis anos. Tu só tens treze.

— Dizem que ele vai tentar meter-se pelo Estreito de Magalhães e depois subir a costa até à região inexplorada, até às Califórnicas, para procurar o Estreito de Anião, que une o Pacífico ao Atlântico. Das Califórnicas até à Terra Nova, finalmente à Passagem do Noroeste...

— A *suposta* Passagem do Noroeste, rapaz. Ainda ninguém provou essa lenda.

— Mas vai prová-la. Agora é almirante e havemos de ser a primeira nau inglesa a passar o Estreito de Magalhães, a primeira no Pacífico, a primeira... Nunca hei de ter outra oportunidade como esta.

— Ai, vais ter, vais, e ele nunca há de dar com o caminho secreto de Magalhães, a menos que consiga roubar um barco ou capturar um piloto português que o guie. Quantas vezes tenho de te dizer: um piloto tem de ter paciência. Aprende a ter paciência, rapaz. Tens...

— Por favor!

— Não.

— Porquê?

— Porque ele há de ficar fora uns dois, três anos, talvez mais. Os fracos e os jovens hão de receber a pior parte da comida e menos água. E dos cinco navios que vão só o dele há de voltar. Nunca havias de sobreviver, rapaz.

— Então, engajo-me apenas para o navio dele. Sou forte. Ele há de me levar!

— Ouve cá, rapaz, eu estava com Drake no *Judith*, aquele seu navio de cinquenta toneladas, em San Juan de Ulua, quando nós e o almirante Hawkins, esse estava no *Minion*, tivemos de abrir caminho pelo meio daqueles comedores de bosta espanhóis para sair do porto. Tínhamos estado a comerciar escravos da Guiné para o continente espanhol, mas não tínhamos licença para o fazer e eles enganaram o Hawkins e os espanhóis montaram-nos uma armadilha. Eles tinham treze grandes navios, nós seis. Afundámos três deles, e eles afundaram o nosso *Swallow*, o *Angel*, o *Caravelle* e o *Jesus of Lübeck*. Ah, sim, o Drake conseguiu livrar-nos daquela armadilha e trouxe-nos para casa. Com onze homens a bordo para contar a história. O Hawkins ficou com quinze. Dos quatrocentos e oito que tinham zarpado. O Drake não tem mercê, rapaz. Ele quer glória e ouro, mas só para o Drake, e são muitos os homens que agora jazem mortos para o provar.

— Mas eu não vou morrer. Hei de ser um dos...

— Não. Hás de fazer os doze anos de aprendiz. Ainda te faltam dez e, então, serás livre de fazer o que bem entenderes. Mas até lá, até 1588, vais aprender a construir navios e a comandá-los: vais obedecer a Alban Caradoc, Mestre Construtor Naval e Piloto e Membro da Trinity House, ou nunca hás de ter uma licença. E se não a tiveres, nunca hás de pilotar navio *nenhum* em águas inglesas, nunca terás o comando do tombadilho de *nenhum* navio inglês em águas *nenhumas*, porque assim manda a lei do bom Rei Henrique, Deus tenha a sua alma. Era a lei daquela grande rameira Maria Tudor, que a alma lhe arda no inferno, e é agora a lei da Rainha, que reine para sempre, é a lei da Inglaterra, e a melhor lei dos mares que já existiu.

Blackthorne lembrou-se do quanto odiara o seu mestre naquela altura, bem como Trinity House, esse monopólio criado por Henrique VIII em 1514 para dar formação e licenças a todos os pilotos e mestres ingleses, e do quanto odiara aqueles seus doze anos de semisservidão, sem os quais sabia que nunca havia de conseguir a única coisa que queria no mundo. E odiara ainda mais Alban Caradoc quando, para sua glória eterna, Drake mais aquela sua chalupa de cem toneladas, o *Golden Hind*, haviam milagrosamente regressado a Inglaterra depois de andarem desaparecidos durante três anos, tornando-se assim o primeiro navio inglês a circum-navegar o globo, trazendo consigo o mais rico saque alguma vez desembarcado naquelas costas: um incrível milhão e meio de libras esterlinas em ouro, prata, especiarias e prataria.

O facto de quatro dos cinco navios se terem perdido e de oito em cada dez homens terem morrido, de Tim e Watt terem sido dados como perdidos e de um piloto português capturado ter liderado a expedição de Drake através do Estreito de Magalhães até ao Pacífico não reduziu em nada o ódio que sentiu; o facto de Drake ter enforcado um oficial, excomungado o capelão Fletcher e não ter sido capaz de encontrar a Passagem do Noroeste não diminuía em nada a admiração nacional. A Rainha ficara com cinquenta por cento do tesouro e armara-o cavaleiro. A pequena nobreza e os mercadores que tinham avançado o dinheiro para a expedição tiveram trezentos por cento de lucro e praticamente imploraram para financiar a próxima expedição de corso. E todos os marujos pediam para singrar com ele, porque ele tinha saqueado, voltado para casa e, com a sua parte naquele saque, os poucos sortudos que haviam sobrevivido estavam agora ricos para o resto da vida.

Eu teria sobrevivido, disse Blackthorne a si mesmo. *Teria, pois. E a minha parte do tesouro teria sido suficiente para...*

— *Rotz vooruuuuuut!* Recife à vante!

A princípio, sentiu mais do que ouviu este grito. Então, misturado com o vendaval, ouviu-o de novo.

Abandonou a cabina e subiu apressado ao tombadilho, com o coração a martelar e a garganta seca. Agora, era noite cerrada e chovia torrencialmente, e por um instante ele sentiu-se exultante, pois sabia que aqueles recetáculos de lona, preparados havia tantas semanas, em breve estariam cheios a ponto de transbordar. Abriu a boca àquela chuva quase horizontal e saboreou-lhe a doçura; depois, deu as costas à tempestade.

Viu que Hendrik estava paralisado pelo terror. O vigia da proa, Maetsukker, estava encolhido, gritava incoerentemente e apontava em frente. Então, também ele olhou para diante.

O Recife encontrava-se menos de duzentos metros à vante, grandes garras negras de rocha açoitada pelo mar faminto. A linha espumosa das ondas estendia-se a bombordo e a estibordo, quebrada intermitentemente. A borrasca levantava enormes faixas de espuma e atirava-as contra a escuridão da noite. Uma adriça da proa rebentou e o mastaréu mais alto do joanete foi levado. O mastro principal estremeceu na sua base, mas resistiu, e o mar levou o navio inexoravelmente ao encontro da morte.

— Todos os homens na coberta! — gritou Blackthorne e tocou a sineta com violência.

O alarido arrancou Hendrik do seu torpor.

— Estamos perdidos! — gritou ele em holandês. — Oh, Nosso Senhor, valei-nos!

— Leva a tripulação para a coberta, estupor! Estavas a dormir! Vocês os dois estavam a dormir! — Blackthorne empurrou-o para a escada, agarrou na roda do leme, desapertou a amarração que lhe segurava os braços, preparou-se e tratou de rodar para bombordo.

Aplicou toda a sua força enquanto o leme fazia por abrir caminho na torrente. Todo o navio estremeceu. Então, a proa começou a baloiçar com uma rapidez crescente à medida que o vento soprava e em breve o *Erasmus* tinha dado o flanco ao mar e ao vento. As gáveas enfunavam-se e, corajosamente, tentavam aguentar o peso do navio e todo o cordame suportava a tensão, uivando. A vaga seguinte elevava-se acima deles e eles estavam a abrir caminho, paralelos ao Recife, quando ele viu aquela grande onda. Gritou um alerta aos homens que vinham do castelo de proa e fez por se segurar o melhor que pôde.

O mar abateu-se sobre o navio, que tombou para o lado, e Blackthorne pensou que eles iam ao fundo, mas a embarcação lá se sacudiu como um cão molhado e saiu da cava. A água escorria pelos embornais e ele ofegou, tentando respirar. Viu que o corpo do contramestre que havia sido deixado no convés para ser sepultado no dia seguinte tinha desaparecido e que a onda seguinte estava a chegar, ainda mais forte. Esta apanhou Hendrik e levou-o, ofegante e a debater-se, borda fora e mar adentro. Outra onda varreu o convés e Blackthorne prendeu um braço na roda do leme enquanto a água lhe passava por cima. Agora, Hendrik estava a cinquenta metros de bombordo. A água puxou-o de volta para o lado, e então uma vaga gigante lançou-o bem acima do navio, deixou-o ali por um instante, a gritar, depois levou-o consigo, esmagou-o contra uma crista de rocha e o homem desapareceu.

O navio mergulhou no mar, tentando abrir caminho. Mais uma adriça cedeu e as polias soltas baloiçaram descontroladamente até se emaranharem no cordame.

Vinck e outro homem subiram ao tombadilho e agarraram-se à roda do leme para ajudar. Blackthorne podia ver o recife avolumar-se a estibordo, agora mais perto. À vante e a bombordo avistavam-se mais rochas, mas ele conseguia ver algumas lacunas aqui e ali.

— Arriba, Vinck. Arriar a vela do traquete!

A custo, Vinck e outros dois marujos içaram-se até ao cordame do mastro do traquete enquanto outros, abaixo, se agarravam ao cordame para os ajudar.

— Cuidado à vante! — gritou Blackthorne.

O mar varreu a coberta e levou outro homem ao mesmo tempo que trazia o cadáver do contramestre de volta. A proa emergiu e desceu mais uma vez, chamando mais água para bordo. Vinck e os outros dois libertaram a vela das suas amarrações. Abruptamente, ela desfraldou-se, estalou como um canhão quando o vento a encheu, e o navio empinou-se.

Vinck e os seus ajudantes ficaram ali pendurados, a baloiçar sobre o mar, e então começaram a descer.

— Recife... recife à vante! — gritou Vinck.

Blackthorne e o outro homem fizeram a roda do leme girar para estibordo. O navio hesitou, depois virou-se e fez ouvir o seu protesto quando as rochas, praticamente submersas, encontraram o seu lado. Mas o embate dera-se na oblíqua e aquela ponta de pedra desfez-se. O cavername continuava seguro e os homens a bordo retomaram o fôlego.

O piloto viu uma brecha no recife adiante e encaminhou o navio para lá. O vento estava mais forte agora, o mar mais furioso. O navio guinou com uma rajada e a roda do leme fugiu-lhes das mãos. Juntos, agarraram-se a ela e retomaram o devido curso, mas o navio baloiçava e contorcia-se como se estivesse embriagado. O mar inundou a coberta e irrompeu pelo castelo da proa, esmagando um homem contra a antepara, ficando todo o convés inundado como o outro acima.

— Homens às bombas! — gritou Blackthorne, e viu dois homens descerem.

A chuva fustigava-lhe o rosto e ele semicerrou os olhos para melhor suportar a dor. A luz da bitácula e a luz de popa já se haviam apagado há muito. Então, quando uma nova rajada empurrou o navio ainda mais para fora do seu curso, o marujo escorregou e, mais uma vez, a roda escapou-se-lhes das mãos. O homem gritou quando uma das malaguetas lhe acertou no lado da cabeça, deixando-o ali prostrado à mercê do mar. Blackthorne puxou-o para cima e segurou-o até que a vaga passasse. Então, viu que o homem estava morto, pelo que o largou na cadeira e a onda seguinte levou-o do tombadilho.

A passagem através do recife situava-se três pontos a barlavento e, por mais que tentasse, Blackthorne não conseguia avançar. Procurava desesperadamente outro canal, mas sabia que não havia nenhum, pelo que deixou o *Erasmus* seguir momentaneamente ao sabor do vento e, assim, ganhar velocidade, depois virou-o de novo e com força para barlavento. O navio corrigiu ligeiramente o seu curso e manteve-o.

Registou-se um estremecimento penoso e atormentado quando a quilha roçou os espigões rochosos abaixo, aguçados como navalhas, e todos a bordo viram na sua imaginação as madeiras de carvalho despedaçarem-se e o mar entrar por ali adentro. Agora, o navio avançava sem qualquer controlo.

Blackthorne gritou a chamar ajuda, mas ninguém o ouviu, pelo que teve de manobrar sozinho a roda do leme contra aquele mar. Viu-se por uma vez atirado para o lado, mas estendeu um braço e conseguiu voltar a segurar-se, perguntando-se naquela sua mente cada vez mais toldada como é que o leme tinha resistido tanto tempo.

No gargalo da passagem, o mar tornava-se um verdadeiro turbilhão, empurrado pela tormenta e cercado pelas rochas. Ondas enormes castigavam o recife, depois recuavam para enfrentar as outras que chegavam, até que todas elas lutavam entre si e os atacavam vindas de todos os quadrantes da bússola. A nau foi sugada pelo vórtice, de flanco e indefesa.

— Mijo-te em cima, tormenta! — berrou Blackthorne. — Tira essas tuas patas comedoras de bosta do meu navio!

A roda do leme girou novamente e atirou-o para longe, e o convés tombou assustadoramente. O gurupés encontrou uma rocha e foi-se, juntamente com parte do cordame, e o navio lá se endireitou. O mastro do traquete vergava-se como um arco e acabou por se quebrar. Os homens ainda no convés atiraram-se ao cordame com machadas para o largar à deriva enquanto o navio avançava naquele canal furioso. Conseguiram livrar-se do mastro, que se foi borda fora e levou um homem com ele, preso no emaranhado de madeira e cordame. O homem gritou, enredado, mas não havia nada que pudessem fazer a não ser ficar a olhar enquanto ele e o mastro apareciam e desapareciam na água revolta, até não voltarem a ser vistos.

Vinck e os que ainda restavam olharam para o tombadilho, onde viram Blackthorne a desafiar a tormenta como um louco. Persignaram-se e redobram as suas orações, alguns a chorar de medo, mas todos a rezar pela vida.

O estreito alargou-se por um instante e o navio abrandou, mas adiante tornou a estreitar-se ameaçadoramente e as rochas pareceram avolumar-se, elevando-se acima deles. A corrente foi contra um dos lados, levando o navio consigo, virou-o de través mais uma vez e atirou-o para o seu destino.

Blackthorne parou de amaldiçoar a tempestade e puxou a roda para bombordo, e deixou-se ficar ali, imóvel, os músculos contraídos pela tensão. Mas o navio não reconhecia o seu leme e o mar também não.

— Vira-te, rameira do inferno — berrou ele, já quase sem forças. — Ajuda-me!

O movimento do mar acelerou e ele sentiu que o coração quase lhe estoi-rava; não obstante, fez por resistir à pressão de todo aquele mar. Fazia por manter os seus olhos focados, mas a visão vacilava, as cores parecendo-lhe erradas e desbotadas. O navio ainda se encontrava no gargalo e imóvel, mas naquele momento a quilha roçou um banco de areia. O embate virou-lhe a proa. O leme fez o seu trabalho. E então o vento e o mar juntaram-se para ajudar e, unidos, levaram o navio a girar diante do vento, ganhando velocidade na passagem em segurança. Ao encontro da baía além.

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO UM

Blackthorne acordou de repente. Por um momento, pensou que estava a sonhar porque deu por si em terra e o quarto onde estava era inacreditável. Era pequeno e muito asseado, e coberto com tapetes macios. Ele estava deitado sobre uma colcha grossa e outra cobria-lhe o corpo. O teto era de cedro polido e as paredes eram feitas de ripas de cedro que formavam uma quadrícula larga, coberta com um papel opaco que cortava agradavelmente a luz. Ao lado dele estava uma bandeja escarlate com pequenas tigelas. Uma delas continha legumes cozidos e frios e ele devorou-os, mal dando pelo seu sabor picante. Outra continha uma sopa de peixe que ele tratou de esvaziar. Outra ainda estava cheia com uma grossa papa de trigo ou cevada que ele despachou num instante, comendo-a com os dedos. A água presente numa cabaça de formato estranho era quente e tinha um gosto curioso — ligeiramente amargo, mas saboroso.

Então, ele reparou no crucifixo no seu nicho.

Esta casa é espanhola ou portuguesa, pensou, horrorizado. Será isto os Japões? Ou Catai?

Um painel da parede deslizou, abrindo-se. Uma mulher de meia-idade, corpulenta e de rosto redondo, estava ajoelhada ao lado da porta; fez uma vénia e sorriu. A sua pele era dourada e os olhos pretos e estreitos, e os seus longos cabelos negros estavam bem penteados e arrumados. Ela vestia uma espécie de roupão de seda cinzenta e meias brancas curtas com sola grossa, e uma larga faixa roxa em volta da cintura.

— *Goshujinsama, gokibun wa ikaga desu ka?* — perguntou ela. Esperou enquanto ele a olhava fixamente, ao que então repetiu a pergunta.

— Isto são os Japões? — perguntou ele. — Japões? Ou Catai?

Ela olhou para ele sem entender e disse outra coisa que ele não foi capaz de perceber. Então, ele deu-se conta de que estava nu. E as suas roupas não estavam à vista. Recorrendo a gestos, deu a entender que se queria vestir.

Depois, apontou para as tigelas de comida e ela percebeu que ele ainda tinha fome.

Ela sorriu, fez uma vénia e fechou a porta.

Ele recostou-se, exausto, a indesejável e nauseante ausência de movimento do chão deixando-lhe a cabeça a andar à roda. Com esforço, tentou recompor-se. *Lembro-me de ter largado ferro, pensou. Com o Vinck. Acho que era o Vinck. Estávamos numa baía e o navio tinha encontrado um banco de areia e acabara por encalhar. Podíamos ouvir as ondas a rebentar na praia, mas estava tudo seguro. Havia luzes em terra e então eu estava na minha cabina e na escuridão. Não me lembro de mais nada. Depois, luzes no meio da escuridão e vozes estranhas. Eu estava a falar inglês, depois português. Um dos nativos falava um pouco de português. Ou ele era português? Não, acho que era nativo. Perguntei-lhe onde estávamos? Não me lembro. Então, estávamos de volta ao recife e o vagalhão veio de novo e fui levado para o mar e estava a afogar-me, estava gelado; não, o mar estava quente e parecia um leito de seda com uma braça de fundura. Eles devem ter-me trazido para terra firme e deixaram-me aqui.*

— Deve ter sido esta cama que parecia tão macia e quente — disse ele em voz alta. — Nunca dormi em seda. — A fraqueza dominou-o e ele dormiu um sono sem sonhos.

Quando acordou, havia mais comida em tigelas de barro e as suas roupas estavam a seu lado, numa pilha bem arrumada. Tinham sido lavadas, passadas e remendadas com costuras ínfimas e requintadas.

Mas a faca tinha desaparecido, assim como as suas chaves.

É melhor tratar de arranjar uma faca e depressa, pensou. Ou uma pistola.

Os seus olhos procuraram o crucifixo. Apesar do receio que sentia, o seu entusiasmo aumentou. Durante toda a sua vida tinha ouvido as lendas contadas entre pilotos e marinheiros sobre as incríveis riquezas do império secreto de Portugal no Oriente, como este já havia convertido os pagãos ao Catolicismo e assim os mantinha num regime de servidão, onde o ouro era tão barato quanto o ferro-gusa, e esmeraldas, rubis, diamantes e safiras tão abundantes quanto os seixos na praia.

Se a parte católica for verdade, disse a si mesmo, talvez o resto também seja. A respeito das riquezas. Sim. Mas quanto mais cedo eu estiver armado e de volta ao Erasmus e atrás de um canhão, melhor.

Tratou de comer a comida, vestiu-se e ficou ali parado, trémulo, sentindo-se fora do seu ambiente, como sempre lhe acontecia em terra. As suas botas estavam em falta. Dirigiu-se à porta, cambaleando um pouco, e estendeu uma das mãos para se equilibrar, mas aquela quadrícula ligeira não

lhe conseguiu suportar o peso e os perfis de madeira partiram-se, rasgando o papel. Ele endireitou-se. No corredor, a mulher agora chocada não tirava os olhos dele.

— Peço desculpa — disse ele, estranhamente pouco à vontade com aquela sua falta de jeito. A pureza daquele espaço fora de alguma forma contaminada.

— Onde é que estão as minhas botas?

A mulher olhou para ele sem expressão. Então, pacientemente, ele repetiu a pergunta, mas recorrendo a gestos, e ela apressou-se por um corredor, ajoelhou-se, abriu outra porta de quadrícula, e fez-lhe sinal. Havia vozes por perto e o som de água corrente. Ele transpôs a porta e deu por si noutra divisão, também ela praticamente vazia. Esta dava para um alpendre com degraus que conduziam a um pequeno jardim rodeado por um muro alto. Ao lado da entrada principal encontravam-se duas mulheres de idade, três crianças vestidas com túnicas escarlates e um velho, obviamente jardineiro, com um ancinho na mão. De imediato, todos se curvaram seriamente e mantiveram a cabeça baixa.

Para seu espanto, Blackthorne viu que o velho estava nu, a não ser por uma tanga curta e estreita que mal lhe cobria os órgãos.

— Bom dia — disse-lhes, sem saber o que mais dizer.

Eles mantiveram-se imóveis, ainda curvados.

Perplexo, ficou a olhar para eles e então, desajeitadamente, curvou-se também. Todos eles se endireitaram e sorriram. O velho curvou-se mais uma vez e retomou o seu trabalho no jardim. As crianças olharam para ele e depois, a rir, afastaram-se a correr. As velhas desapareceram nas entranhas da casa. Mas ele podia sentir os olhos delas.

Viu as suas botas ao fundo dos degraus. Antes que pudesse pegar nelas, a mulher de meia-idade estava de joelhos, para seu constrangimento, e ajudou-o a calçá-las.

— Obrigado — disse ele. Pensou por um momento e então apontou para si mesmo. — Blackthorne — disse, bem devagar. — Blackthorne. — Depois, apontou para ela. — Qual é o seu nome?

Ela olhou para ele, sem perceber.

— *Black-thorne* — repetiu ele cuidadosamente, apontando para si mesmo e novamente apontando para ela. — Qual é o seu nome?

Ela franziu a testa e depois, como se finalmente compreendesse, apontou para si mesma e disse:

— *Onna! Onna!*